

---

# Boas práticas *urbanas*

ALÉM DE ZELAR POR SEUS MANANCIAIS, A SABESP VOLTA O OLHAR PARA A CIDADE. EM SÃO PAULO, A COMPANHIA TRANSFORMOU TRÊS RESERVATÓRIOS EM PARQUE E INVESTE NA DESPOLUIÇÃO DE CÓRREGOS

---

FOTO: DANIELA HIRSCH

Córrego Corujas, na Vila Madalena, zona oeste paulistana.

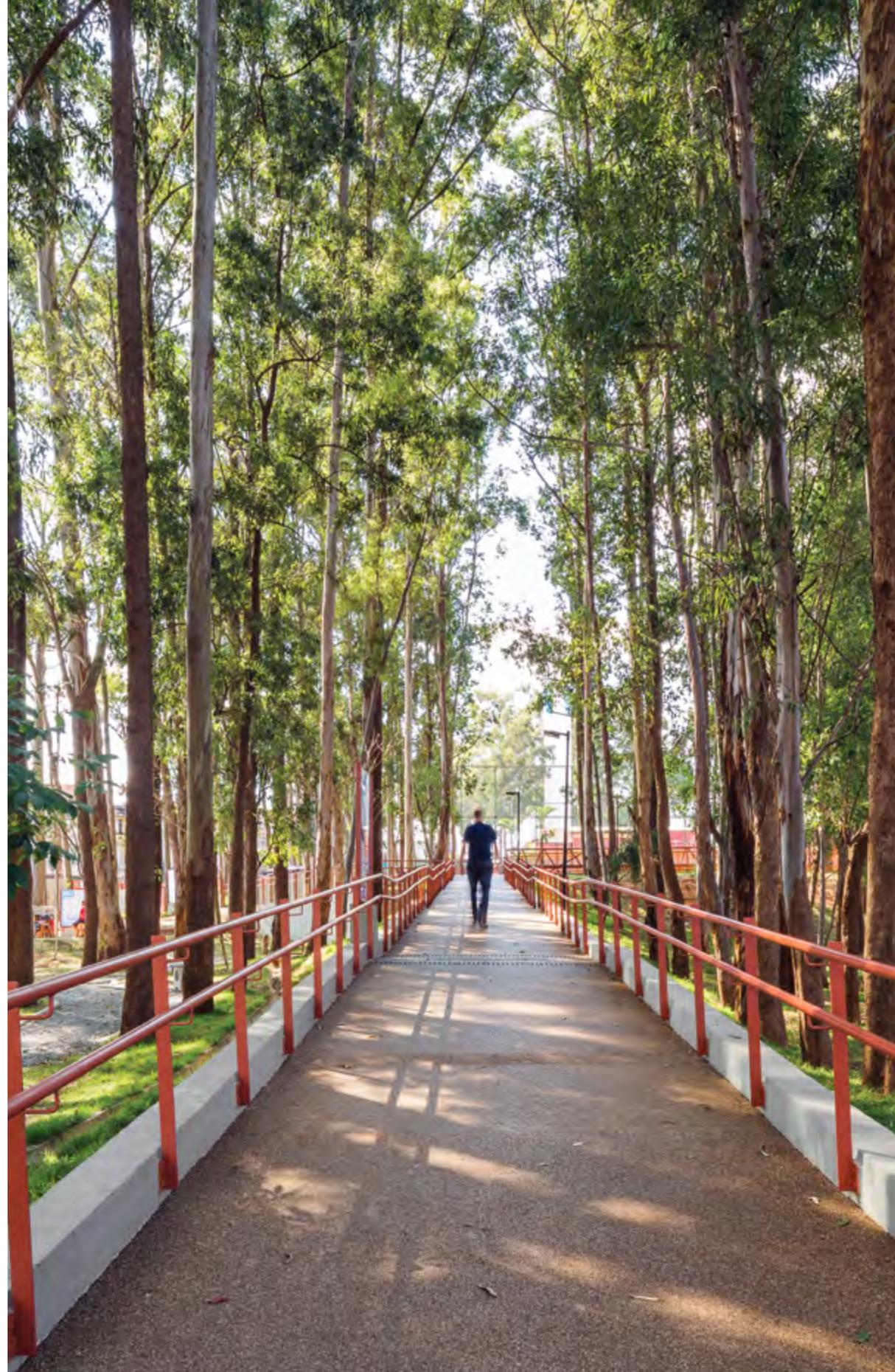
# Jardim para todos

Nos bairros paulistanos Butantã, Cangaíba e Mooca, os reservatórios da Sabesp conciliam a operação de abastecimento com o lazer da comunidade

áreas verdes compensam muitas desvantagens da vida urbana. Elas reduzem a poluição, previnem enchentes e evitam ilhas de calor. Se a lista parasse por aí, já estaria cumprida sua missão nas grandes cidades. Mas os parques respondem também por outro impacto positivo vital: a oferta de lazer e a oportunidade de interação e convívio no espaço público.

São Paulo, assim como outras cidades brasileiras, é carente desses locais arborizados. Segundo dados da Rede Social Brasileira por Cidades Justas e Sustentáveis, o índice de áreas verdes públicas por habitante em 2014 (última medição disponível) girava em torno de 14 m<sup>2</sup>. O indicador até supera o mínimo de 12 m<sup>2</sup> recomendado pela Organização Mundial da Saúde, mas está bem longe do patamar ideal de 36 m<sup>2</sup>. E a média camufla a disparidade entre os bairros – em alguns, a cifra mal atinge 1 m<sup>2</sup> de área verde disponível por pessoa.

Nesse contexto, foi bem-vinda a abertura de três parques entre 2014 e 2015, por iniciativa da Sabesp, em terrenos que abrigam reservatórios operantes de água. Os lotes, com topografia privilegiada



FOTOS: ANA MELLO

## BEM-VINDO A CANGAÍBA

A foto aérea evidencia a relevância do bosque na paisagem da zona leste paulistana. A região até conta com o Parque Ecológico do Tietê, mas a escala do terreno da Sabesp e a facilidade de acesso o tornam mais adequado ao uso cotidiano.



e localização estratégica em seus respectivos bairros, possuíam arborização e, em alguns casos, até já haviam franqueado o acesso à comunidade, como acontecia em Cangaíba, na zona leste (*nesta pág.*). Com a intervenção, conduzida de forma integrada pelo escritório Levisky Arquitetos/Estratégia Urbana, as áreas tiveram esse potencial latente multiplicado. Agora, elas contam com playground, equipamentos de ginástica, quadras esportivas e pergolados, erguidos com sistemas pré-fabricados que minimizaram a geração de entulho. Passarelas conectadas aos passeios públicos configuram os caminhos internos, projetados de acordo com as normas de acessibilidade. Hoje, mais de três anos após a abertura do último parque, no Butantã, os três pulmões verdes foram plenamente incorporados à rotina de seus frequentadores.



### **BUTANTÃ, O PEQUENO NOTÁVEL**

O parque na zona oeste, menor entre os três, convive com o reservatório de 15 milhões de m<sup>3</sup> que supre a demanda de 18 bairros. Último a ser inaugurado, em 2015, oferece cerca de 10 mil m<sup>2</sup> de verde a uma população antes carente de espaços com essa qualidade.

## Boas práticas urbanas

Os três parques-reservatório provam que é possível conciliar a operação de abastecimento com o lazer da comunidade. Isso porque o projeto levou em conta os acessos necessários para movimentação de caminhões, por exemplo, e abriu algumas áreas técnicas à visitação, como a casa de manobra da unidade da Mooca. Além disso, displays alocados nos percursos em meio aos bosques expõem informações sobre o ciclo da água e a importância do cuidado com esse recurso natural, aproveitando a presença dos visitantes para dosar pílulas de educação ambiental. Dessa forma, a população se aproxima das atividades da Sabesp e se conscientiza de toda estrutura necessária para que a água verta da torneira de casa – assunto sobre o qual, no piloto automático do cotidiano, nem sempre paramos para refletir.



FOTOS: ANA MELLO

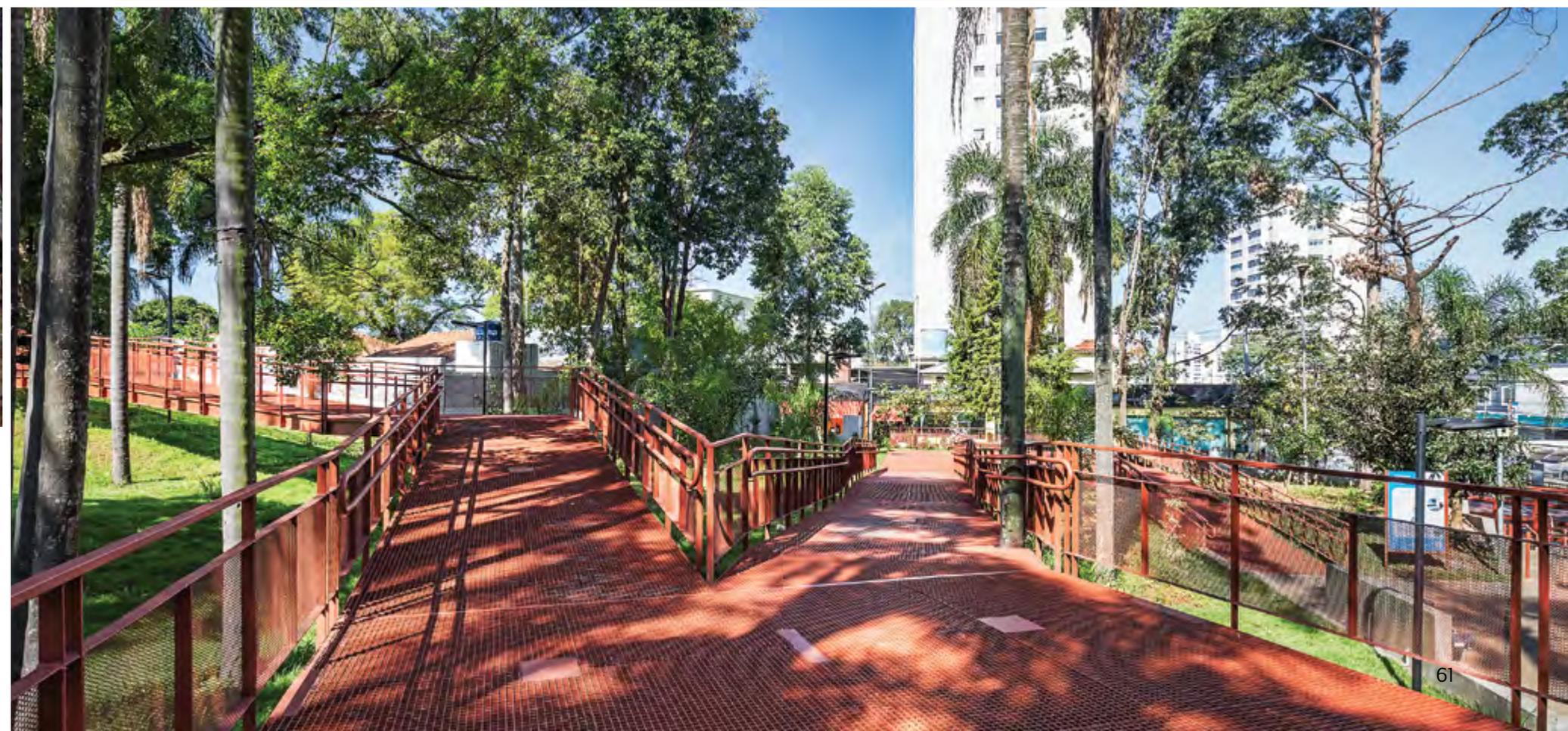
**PIONEIRISMO NA MOOCA**  
Primeiro a abrir ao público, em 2014, o espaço no tradicional bairro da zona leste paulistana ocupa as dependências do reservatório mais antigo de São Paulo. Com 21,2 mil m<sup>2</sup>, ele é o maior dos três parques – e também o que se provou mais capaz de atrair público de outros pontos da cidade.



FOTO: DIVULGAÇÃO/LEVISKY ARQUITETOS/ESTRATÉGIA URBANA

### ÁRVORES PRECIOSAS

Mesmo antes da intervenção, o local já era arborizado. O projeto preservou ao máximo a vegetação existente e incrementou o paisagismo com mais de 3 mil arbustos e trepadeiras.



# O despertar dos córregos

Parceria com a prefeitura de São Paulo para despoluir cursos d'água a céu aberto é retomada com o desafio de ampliar seu alcance

a cidade de São Paulo nunca tratou bem de seus rios e córregos. Na década de 1930, quando começou a experimentar em ritmo acelerado tanto o desenvolvimento industrial quanto o crescimento demográfico, as intervenções urbanas implantadas para acompanhar esse momento partiram do pressuposto de canalizar os rios e adotá-los como eixos das principais vias da cidade, fazendo-os desaparecer sob o asfalto. Estamos falando do Plano de Avenidas de Francisco Prestes Maia, prefeito paulista entre 1938 e 1945.

Hoje, a superfície das várzeas aterradas em São Paulo equivale à área de Amsterdã – mundialmente conhecida por seus canais, usados para lazer, mobilidade e até mesmo moradia num exemplo de convívio bem-sucedido entre os recursos hídricos e a vida urbana.

O sonho de uma metrópole em paz com suas águas pode parecer distante, mas começar a realizá-lo passa necessariamente pela despoluição, cuja primeira providência é evitar o despejo de ligações clandestinas de esgoto nas centenas de córregos que terminam por desaguar nos rios Pinheiros e Tietê, prejudicando, inclusive, os mananciais.

## De grão em grão

Por meio do Programa Córrego Limpo, colocado em prática em 2007, a Sabesp e a prefeitura de São Paulo deram a largada na tarefa, tão extensa quanto necessária, de recuperar córregos deteriorados e seu entorno. Enquanto a companhia se responsabiliza por adequar e fazer a manutenção da rede, a prefeitura responde pela remoção de lixo e entulho nas margens e leitos, cuida do paisagismo e, quando necessário, realoca famílias e implementa ações de reurbanização. Até 2013, o programa contabilizava 149 córregos tratados e cerca de 2,2 milhões de pessoas beneficiadas pelas melhorias.

## Boas práticas urbanas



ANTES

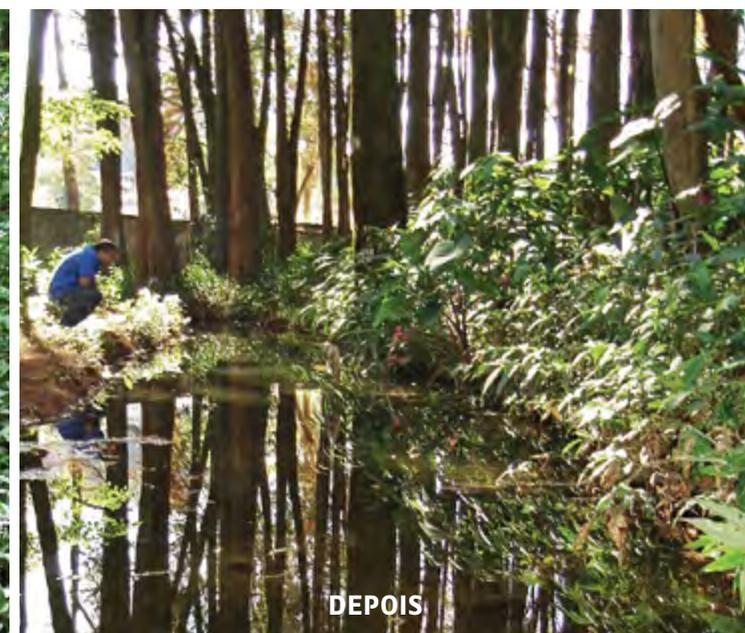


DEPOIS

FOTO: DANIELA HIRSCH



ANTES



DEPOIS

FOTOS: DIVULGAÇÃO/SABESP

### A VILA MADALENA AGRADECE

O bairro na zona oeste saudou a recuperação dos 800 m a céu aberto do Corujas, cujas margens concentram uma das poucas áreas verdes da região. Pelos cálculos da prefeitura, 14 mil pessoas se beneficiaram da despoluição, parte da primeira fase do Programa Córrego Limpo (encerrada em 2012).

Com a retomada da parceria, os desafios continuam, lembrando que uma das maiores conquistas do programa permanece como um belo exemplo a ser seguido: a Bacia do Mandaqui, na zona norte, segue com seus 40 km de cursos d'água limpos (7,5 km do Córrego Mandaqui e 33 km de seus afluentes, numa área de quase 20 km<sup>2</sup>) e 457 mil pessoas impactadas. Da zona leste vem outro case de sucesso, o Córrego Cruzeiro do Sul, com seus 2,2 km de extensão. Fizeram-se nas redondezas 600 novas ligações coletoras. Juntas, as bacias do Mandaqui e do Cruzeiro do Sul ganharam 13,5 km de novas tubulações.

Os bons resultados dependem, em grande parte, da adesão da população ao não jogar lixo e denunciar irregularidades. Em muitos casos, o envolvimento vai além disso, graças à atuação dos núcleos do Programa de Participação Comunitária da Sabesp. Hoje, a empresa conta com 50 técnicos

comunitários, profissionais treinados para identificar e se aproximar das lideranças em regiões de vulnerabilidade social (áreas irregulares, invadidas, com problemas do ponto de vista legal e técnico que dificultam a entrada da rede de saneamento e configuram entraves para a universalização do sistema de água e esgoto).

Essa expertise é de grande valia para engajar os moradores do entorno de córregos em sua recuperação e torná-los protagonistas das conquistas. Pois uma meta tão ambiciosa como a de despoluir os riachos paulistanos, apesar de todas as dificuldades, só se sustenta se houver equilíbrio entre as três esferas: Sabesp, poder público e população. O famoso trabalho de formiguinha apresenta dimensões nem um pouco modestas. Envolveu varreduras e incrementos em nada menos que 440 km de redes coletoras, o equivalente à distância entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

### EXPERIÊNCIA DENTRO DE UM PARQUE

A reabilitação do Córrego Ciclovía Horto Florestal, em 2007, inaugurou uma estratégia bem-sucedida: a de tratar cursos d'água localizados em parques públicos. O riacho corta uma das maiores áreas verdes da cidade, na zona norte, situada no sopé da Serra da Cantareira.